

# Luxo sustentável em um empreendimento turístico brasileiro: um estudo de caso do hotel Vila Naiá

*Sustainable luxury in a Brazilian touristic company: a case study of the Vila Naiá Hotel*

Renata Bueno Mellão<sup>1</sup>

luxo, sustentabilidade, turismo, hotelaria

O conceito de luxo nos últimos anos deixou a esfera da ostentação e passou a estar ligado à preocupação com a sustentabilidade, com base no tripé ambiental, social e econômico. No Brasil, a aplicação do luxo sustentável é fenômeno recente, em especial na área hoteleira. Este artigo visa apresentar um estudo de caso do hotel Vila Naiá, pioneiro nesse âmbito no país, analisando os aspectos que permitem afirmar que o hotel se insira dentro da prática do luxo sustentável, como seu conceitos norteadores, projeto arquitetônico, paisagismo, manutenção, integração ao contexto da comunidade onde está localizado, e ações em integração com entidades regionais para a preservação ambiental.

*luxury, sustainability, tourism, hotel industry*

*The concept of luxury in the last few years have been changing from the idea of ostentation to be associated to with the preoccupation with sustainability, based in the tripod of ecological, social and economical aspects. In Brazil, the application of sustainable luxury is a recent phenomena, specially in the hotel industry area. The purpose of this article is to present a case study of the Vila Naiá hotel, pioneer in this field in the country, analyzing the aspects that permit to affirm that the hotel can be inserted into the sustainable luxury practice, such as its concepts, architectonic project, garden landscaping, maintenance, integration in the context of the community in which its located, and integrated actions with regional institutions to promote ecological preservation.*

## 1 Luxo e Sustentabilidade

A expressão Desenvolvimento Sustentável foi formalmente apresentada à sociedade no Relatório “Nosso Futuro Comum”, documento produzido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, vinculada às Nações Unidas, e publicado em 1987. Nos termos em que foi originalmente apresentado, desenvolvimento sustentável é aquele que garante o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas necessidades.

Embora a construção desta idéia tenha sido precedida por discussões e negociações que remontam à década de 70 do século XX e não obstante sua apresentação no Relatório Nosso Futuro Comum tenha completado 20 anos, há ainda, principalmente no campo acadêmico, profundas discussões sobre seu significado, abrangência e, acima de tudo, viabilidade. Independentemente de tais debates e a despeito de possíveis imprecisões ou limitações, a idéia tornou-se uma referência para governos, organizações não governamentais e empresas, trazendo elementos bastante concretos e significativos para os processos de planejamento e gestão. Trabalhar em prol da sustentabilidade implica trabalhar com prudência ecológica, possibilitar a inclusão social e propiciar desenvolvimento econômico sustentado no tempo. No campo da gestão empresarial, esta tríade tem sido tratada como “triple botton line”, expressão que identifica as três dimensões da sustentabilidade: a ambiental, a social e a econômica.

Esse conceito de sustentabilidade até pouco tempo parecia incompatível com a ideia de luxo, que, desde o século XIX, sempre esteve associada a sofisticação, glamour, ostentação, excesso e exagero e às vezes desperdício. A partir dos anos 90, porém, houve uma radical mudança, como aponta a pesquisadora Suellen Marques, em artigo apresentado em 2008 no X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste:

O indivíduo tornou-se a medida do luxo, o que faz com que o fenômeno possa ser identificado com questões tão diferentes quanto a qualidade de vida, a felicidade, a responsabilidade social, a liberdade, a paz, a ação humanitária, o saber e a natureza, por exemplo. (MARQUES, 2008:3)

Associado a esse novo entendimento de luxo, eclodiram preocupações ligadas à responsabilidade social, ao compromisso com o meio ambiente, à procura por balancear os efeitos do consumo desenfreado que se verificava até então. O segmento do luxo entrou em uma nova etapa, passando a agregar em si os valores da sustentabilidade.

Se estamos falando de uma nova idade do luxo, isso não diz respeito apenas às transformações observáveis na esfera da oferta, mas inclusive às mudanças que se enraízam na procura, nas aspirações e nas motivações, nas relações que os indivíduos mantêm com as normas sociais e com os outros, com o consumo e os produtos *premium*. Individualização, emocionalização, democratização, preocupação social, estes são os processos que reordenam a cultura contemporânea do luxo. (MARQUES, 2008:3)

O filósofo Gilles Lipovetsky (2007), ao cunhar o termo “hiperconsumo”, aponta para essa tendência, advinda dos primeiros anos do século 21, de um consumo mais consciente, em que o comércio de produtos socialmente e ecologicamente corretos vem crescendo. Os “neo-consumidores” se declaram cada vez mais sensíveis aos produtos socialmente corretos e atuam como observadores das empresas para garantir delas a resposta a essa nova demanda de consumo.

Estabeleceu-se um mercado de novos valores, onde o valor das marcas estava ligado à bandeira levantada por elas em prol do meio ambiente e pelo bem-estar social. Verifica-se, assim, uma tendência generalizada e cada vez maior de se produzir dentro de um conceito de luxo sustentável, seja na moda, no design, no turismo.

O desafio foi encontrar, portanto, soluções para os pontos divergentes, em uma tentativa de compatibilizar os dois conceitos: manter a sensação de luxo produzindo de maneira sustentável, agregando novos valores aos produtos. O novo conceito do luxo sustentável remete a uma forma de luxo menos rebuscada, mas mais memorável, em que a ostentação deu lugar à substanciação:

O luxo contemporâneo deixa de ter como objeto o produto em si e desloca-se para o subjetivo universo do consumidor, repleto de sentimentos, necessidades e valores que dizem respeito, inclusive, à responsabilidade sócio-ambiental. A última tendência entre algumas marcas de luxo tem sido o engajamento com tais questões, buscando atender às novas necessidades desse mercado. (MARQUES, 2008:1)

Na área turística, isso se reflete na procura por destinos de permitam descobrir geografias e culturas diferentes. O que se preza em primeiro plano é pela qualidade, conforto, bem-estar, bom atendimento, integração com identidade local, responsabilidade social e preocupação ambiental. Luxo está nos detalhes, na experiência única, na personalização, é estar em contato com a natureza, com a mata nativa preservada, com a cultura local, em um local que esteja em harmonia com a paisagem e disponha de um bom serviço. Como verifica Suellen Marques: “Na atualidade, a comunicação do luxo assume outras posturas, que se somam às estratégias de sensualidade e magia já utilizadas. Percebemos que o luxo se dá no detalhe, na sutileza, perdendo a obviedade do material nobre e ganhando em material cultural”. (MARQUES, 2008:10)

Um caso prático de implementação de um projeto pautado pelo conceito de luxo sustentável em um estabelecimento turístico em Corumbau, sul da Bahia, é o hotel Vila Naiá que, desde a sua criação, tem se pautado pela permanente busca da sustentabilidade, buscando comprovar que sofisticação, arte e lazer, não apenas são compatíveis mas podem, também, ser elementos alavancadores do desenvolvimento sustentável.

## **2 Apresentação do Vila Naiá**

### **Contexto local – Corumbau**

A vila de Corumbau, que na língua dos índios Pataxós significa 'longe de todas as preocupações', está localizada no município de Prado, sul da Bahia, uma região de grande importância ambiental. Por ser uma zona de grande concentração de mata atlântica, no entorno, há três Reservas Ecológicas: o Parque do Pau-Brasil, criado em 1999 e que ocupa uma área de 11 mil hectares; o Parque Nacional do Monte Pascoal, criado em 1961, zona de preservação do pau-brasil; e o Parque do Descobrimento, maior fragmento de Mata Atlântica protegida do Nordeste, com 22 mil hectares, criado em 1999 para consolidar um corredor verde formado também pelos outros dois parques.

Corumbau integra ainda o Complexo de Abrolhos, região de ecossistemas costeiros que incluem recifes de corais, mares rasos e a maior biodiversidade marinha do Atlântico Sul, tombada como patrimônio da humanidade. Duas reservas marinhas também se localizam ali: o Parque de Abrolhos, primeiro Parque Nacional Marinho da América do Sul, habitat de aves como atobá e fragata, espécies marinhas como baleia jubarte e grande quantidade de recifes; e a Reserva Corumbau, Reserva Extrativista Marinha (Resex) composta por uma faixa de mais de 90 mil hectares que se estendem por mais de 60 km da costa, criada em 2000 por iniciativa da Conservação Internacional (CI) e Ibama visando o desenvolvimento sustentável das 40 famílias descendentes dos pataxó, fixadas em seis vilas em Corumbau.

A população local é composta de caiçaras, que vivem em vilas costeiras e ao redor do rio Corumbau, e índios pataxó, que habitam um complexo de 17 aldeias espalhadas pelo entorno.

As principais atividades econômicas desenvolvidas ali foram, por muito tempo, a extração madeireira e a pesca. Pela concentrada presença de mata atlântica, a madeira era farta e muito barata, fato que levava os próprios moradores a construir suas casas e demais utensílios utilizando o material. Ali desenvolveu-se, então, uma intensa extração madeireira. Na região, surgiram muitas serrarias, e a mão-de-obra local estava intensamente destinada a esse ramo de trabalho. A intensidade da atividade levou à devastação de grande parte da mata que ali existia. Com a criação das áreas de preservação, as serrarias foram fechadas e toda a mão-de-obra ali empregada se viu sem ocupação.

Com o tempo, a pesca tornou-se a principal atividade econômica para a comunidade. Vários barcos de fora da região passaram a ancorar ali e compravam a preços módicos a produção dos pescadores locais. A pesca predatória foi extinta com a criação da Resex Marinha, em 2000. Foram proibidos barcos de fora e a atividade pesqueira foi permitida somente a pescadores da comunidade. Com estes, foi feito um trabalho de educação ambiental, ensinando os tipos de rede adequados para se fazer a pesca sem depredar o fundo do mar, e orientando para respeitar o defeso, e o mar foi pouco a pouco se regenerando.

A preservação da área e suas belezas naturais foram atraindo a atividade turística, que hoje corresponde à principal fonte de renda da comunidade caiçara. Os caiçaras passaram a se empregarem nos hotéis e demais estabelecimentos turísticos. A população indígena sobrevive basicamente do artesanato e de apresentações para turistas de danças e rituais.

## **O hotel – proposta de integração**

Um dos primeiros hotéis da região, o Vila Naiá foi inaugurado em 2004. O nome "Vila" veio do fato de o hotel estar estruturado em pequenas casas espalhadas ao longo do terreno, em um formato de pequena vila. Já "Naiá" faz referência a Indaiá, uma palmeira local, que os índios chamam de Naiá. Localizado em meio a uma área de 50 mil m<sup>2</sup>, a estrutura do hotel conta com apenas nove quartos, com capacidade máxima para 18 pessoas, dispostos em pequenos bangalôs. O hotel atrai turistas brasileiros e estrangeiros, sendo os europeus os maiores frequentadores.

Seguindo o conceito de *excelência* que, para os gregos, era sinônimo de bom, belo e verdadeiro, e tendo em mente o conceito de *original* no sentido de retorno a uma origem, a uma raiz, a estruturação do projeto foi norteada pela intenção de se manter um padrão internacional mas ao mesmo tempo oferecer ao hóspede a experiência da personalização e da imersão no contexto local. Diferentemente de se entrar em um hotel que pode estar em qualquer lugar do mundo, que não remete ao contexto, às características e à história do destino da viagem, a particularidade está em vivenciar o lugar onde se está hospedado, seguindo o novo conceito de luxo.

À simplicidade rústica proposta no projeto arquitetônico e a ações sustentáveis, une-se o

luxo presente nos detalhes de madeira do mobiliário, nas cortinas de seda, taças de cristal, lençóis de algodão egípcio e jogos americanos de renda richelieu, vinhos da enoteca Fasano. A excelência também se dá na experiência personalizada. Não se limitam os horários para refeição ou para check-in e check-out e, para a comunicação entre hóspedes e funcionários em todas as áreas do hotel, é disponibilizado um rádio a cada um.

Figura 1: Interior de um dos quartos do hotel



### Da Fazenda Carroula ao Vila Naiá

A área onde hoje se encontra o hotel era uma antiga fazenda de propriedade particular, onde, a exemplo de outras propriedades do entorno, praticava-se uma agricultura de subsistência, de mandioca, abóbora e cana, complementada pela pesca artesanal, de canoa.

Figura 2: Vista do terreno enquanto ainda era fazenda



Foram 12 anos de observação e interação com a região para construir o hotel na linguagem das casas da vila, adaptar o projeto às características e potencialidades locais. Neste processo, um personagem importante foi o pescador e poeta local Honorato Deocleciano, que ajudou a recuperar o caminho de formação da cultura do vilarejo.

Os longos anos de presença no local, antes mesmo de se haver uma intensa atividade turística ali, também permitiram testemunhar as mudanças pelas quais a comunidade passou. Muitas construções surgiram, sem respeitar as características regionais. Onde antes só se usavam tábuas e coberturas com fibras passou-se a construir casas de alvenaria. E a presença de turistas atraídos pela beleza natural, embora tenha dado um novo potencial econômico à região, nem sempre resultava em benefícios para a comunidade. Tendo em vista esse contexto, o Vila Naiá procurou atuar de forma sustentável, de forma a colaborar nos âmbitos ambiental, social e ainda ser economicamente viável, como será mostrado a seguir.

### 3 Análise do Vila Naiá do ponto de vista da sustentabilidade

Partiremos agora, então, para uma análise do hotel do ponto de vista da sustentabilidade, tendo como base o tripé econômico, social e ambiental. Veremos as características da construção e manutenção do hotel e tentaremos verificar em que medida elas seguem padrões de respeito ao meio ambiente, como o hotel interage com os moradores da comunidade onde está instalado, promovendo benefícios econômicos ao grupo, e um breve relato do potencial econômico do hotel.

#### Aspecto ambiental

##### *Recursos utilizados na construção do hotel*

O projeto arquitetônico elaborado pelo arquiteto Renato Marques visava aproximar a construção do hotel da arquitetura tradicional da vila de pescadores, seguindo a intenção de reproduzir o ambiente de modo autêntico. Os quartos e os espaços construídos incorporaram conceitos e técnicas utilizados pela comunidade.

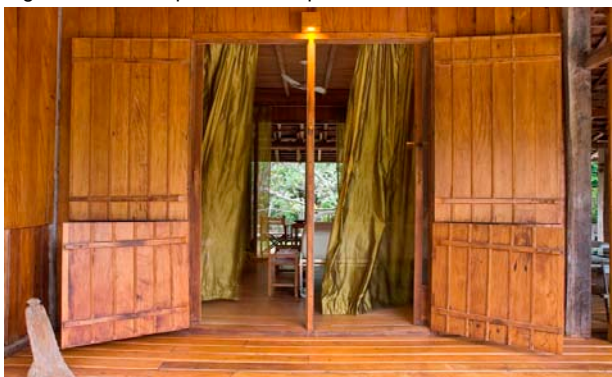
As moradias locais, baixas, são estruturadas em palafitas de madeira, e são construídas de acordo com as características do vento e da luz. Foi, portanto, seguida a estrutura de palafitas e observado o regime de corrente de ventos no local, de modo a aproveitar tal característica na projeção dos cômodos. A construção é também distante do mar, como faziam os antigos moradores, para preservar a casa dos ventos costeiros. E, para criar uma boa ventilação, os quartos foram projetados com janelas em pontos cardeais opostos, dando vazão a uma “brisa condicionada”.

Os telhados são compostos de pedaços de madeira (taubilhas) ou telhas de cerâmica. Nelas não há fixação com pregos ou parafusos, ela é toda feita por encaixe, com cavilhas, seguindo o sistema tradicionalmente utilizado nas moradias locais, já que por muito tempo ali não se dispunha de pregos.

Figura 3: Casa típica da vila



Figura 4: Entrada para um dos quartos do hotel



Todo o projeto segue o conceito de Green Building, cujo foco é intensificar a eficiência dos recursos utilizados, seja de energia, água e materiais, e ainda reduzir impactos na saúde humana e no ambiente. Assim, promovem-se no hotel ações para a minimizar potenciais interferências nos ecossistemas e na paisagem local, bem como procurar promover o reuso de materiais para cobertura dos quartos e bangalôs, pisos e passarelas.

Toda madeira usada em cerca de 3400m<sup>2</sup> das estruturas das construções é ecologicamente correta. Parte dela era madeira de demolição reutilizada (peroba do campo – 1360m<sup>2</sup>, e aderno – 770m<sup>2</sup>), outra parte era madeira certificada trazida do Pará (angelim pedra – 475m<sup>2</sup>, garapa – 580m<sup>2</sup>, e pino - 60m<sup>2</sup>) e, por fim, foi utilizado também eucalipto de reflorestamento (112m<sup>2</sup>).

A estrutura do hotel, ao longo de 500m, é ligada por passarelas suspensas a poucos centímetros do chão, que permitem que a flora e fauna se desenvolvam livremente no solo abaixo delas. As portas de vidro dos cômodos podem ser abertas tanto para a restinga quanto para a vista do mar e dos coqueiros que circundam o hotel, abrindo-se para a exuberância da paisagem.

Figura 5: Quartos em palafitas, interligados por passarelas



O próprio projeto de paisagismo, assinado por José Pedro de Oliveira Costa - ambientalista e professor de paisagismo da FAU-USP, primeiro secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e responsável pelo tombamento da Serra do Mar -, tinha a intenção de manter a flora local. O que se fez foi intensificar as plantas que existiam no local, utilizar, nos jardins e espaços abertos, essencialmente espécies nativas, reduzindo impactos sobre a paisagem natural da região e sobre os ecossistemas naturais com a introdução de espécies exóticas.

Foram utilizadas espécies nativas da mata de restinga, como as palmeiras locais indaiá, xandó e uricuri, além de pitanga, pita, bromélias, uma variedade regional de primavera, alamanda, pau-brasil e uma espécie de abacaxi ornamental local. As espécies nativas que são replantadas na área do hotel são todas cultivadas em um viveiro próprio.

#### *Recursos utilizados na manutenção do hotel*

As novas instalações e as atividades de manutenção têm priorizado a utilização de materiais não tóxicos, como as tintas à base de água, e de equipamentos eficientes no consumo de água e energia. As medidas atualmente implantadas são:

1. **Energias Limpas** - O Vila Naiá utiliza fontes renováveis de energia, como a energia eólica, solar fotovoltaica (geração de energia elétrica a partir de luz solar) e o aquecimento de água com coletores solares. Estas iniciativas, juntamente com um esforço permanente de uso racional de energia, minimizam a demanda de energia elétrica convencional. A energia eólica produz 600W de potência, que são usados nas lâmpadas da entrada do hotel, em oito postes que se acendem automaticamente à noite e ficam ligados por 8 horas. Cada placa solar aquece 1000 litros de água, e há ainda aquecimento de boiler elétrico com capacidade de 100 litros de água quente cada. E cada gerador elétrico solar permite que sejam acesas sete lâmpadas por um período de 24 horas.

2. **Fossas ecológicas** - Sistemas individualizados de fossa-filtro são utilizados para o tratamento dos esgotos provenientes dos quartos, bangalôs, cozinha e demais instalações, totalizando sete fossas construídas. Com isto evita-se que os efluentes sejam lançados “in natura” nos rios ou no mar, como comumente acontece no litoral brasileiro. Em associação às fossas ecológicas, está sendo implantando o uso de papel higiênico biodegradável, recentemente lançado pela marca Neve.]
3. **Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos** - Um programa de gerenciamento de resíduos garante o tratamento e a destinação ambientalmente adequados dos resíduos do hotel. Por meio deste programa se faz a triagem e destinação compatível para os resíduos recicláveis e a compostagem dos resíduos orgânicos, reutilizada como adubo no viveiro e na horta, reduzindo assim a necessidade de utilização do serviço público de coleta e destinação do lixo. 70% do material orgânico é destinado à compostagem, à exceção de limão e abacaxi, que levam à excessiva acidez do solo. As latinhas de alumínio são levadas para reciclagem na cidade vizinha, bem como os resíduos de papel que contém tinta. As sobras de papéis sem tinta são também destinados à compostagem.
4. **Compras verdes** - Em meados de 2007, o hotel iniciou um programa pioneiro de compras verdes, priorizando produtos ambientalmente amigáveis, de pouco impacto ambiental, preservando o meio ambiente e a saúde de seus hóspedes e colaboradores. Os produtos de limpeza utilizados são biodegradáveis, assim como as sacolas de lixo. Feitas de bagaço de cana e batata, as sacolas são compradas em São Paulo da empresa Biomater, único fornecedor desse produto para a região.
5. **Horta orgânica e menu adaptado** - Algumas hortaliças e legumes a serem consumidos, como alface, tomate e rúcula, são plantados de forma orgânica no próprio hotel. O menu é adaptado aos produtos da horta e também busca se adequar à oferta de frutas locais, como coco e caju, peixes nativos (vermelho e budião), e suas respectivas épocas.
6. **Tratamento da água da piscina** - A água da piscina não leva cloro; o tratamento é feito por de um sistema de filtragem própria através de ionização da água.

A aplicação de tais medidas encontra respaldo ao fato de o hotel ter número restrito de hóspedes, em apenas nove quartos, já que um hotel de grande porte essas práticas talvez não fossem viáveis.

#### *Estímulo à preservação e educação ambiental*

Mais do que evitar impactos ambientais, o Vila Naiá contribuiu de forma pioneira e significativa para a ampliação das Unidades de Conservação de Fauna e Flora no local. Concretizando isso, foi criada em 2002 a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Fazenda Carroula, única dentro do Complexo de Abrolhos.

Esta reserva particular, implantada, regularizada e gerida pela proprietária do hotel, segue critérios de proteção ambiental semelhantes ao das reservas públicas e ocupa hoje uma área de aproximadamente 50 hectares da fazenda onde posteriormente foi implantado o hotel. Dois terços do terreno se tornaram propriedade federal de uso particular, tendo de ser mantidos em proteção também por qualquer futuro proprietário do local. A RPPN funciona como corredor verde, permitindo a circulação de animais entre as zonas de mata que interliga.

O hotel também procura estabelecer parcerias com ONGs, instituições públicas e a comunidade local em ações que promovam a educação ambiental. Em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, o hotel construiu um Centro de Educação Ambiental e uma trilha ecológica interpretativa com espécies nativas. Ambos estão abertos para visitas, guiadas por monitores formados pela SOS Mata Atlântica, para hóspedes, visitantes e estudantes da região, para trabalhos escolares em ciências e educação ambiental.

No Centro de Educação Ambiental, estão reunidas informações sobre os ecossistemas do Corredor Central de Biodiversidade em sete grandes painéis, que servem de base para realização de palestras, capacitações e promoção da cultura, artesanato e história da comunidade local.

Já a trilha, que possui 800m de extensão, está sinalizada por 12 placas que permitem identificar as principais espécies da vegetação nativa, como arará-pêra, murta e almesca – esta última produtora de uma resina que os índios usam em rituais, e a partir da qual está

sendo desenvolvido um óleo essencial.

Figura 7: Entrada para o Centro de Educação Ambiental e trilhas



Figura 8: interior do Centro de Educação Ambiental



O hotel está certificado pela rota de ecoturismo brasileira. O hotel possui uma programação de atividades destinadas ao ecoturismo, como passeios pelos recifes do rio Corumbau e passeios pelo mar até Barra Velha, onde é possível conhecer a comunidade indígena Pataxó e seu artesanato em sementes, madeira e penas.

Com o objetivo de aprimorar seus processos de gestão ambiental, o Vila Naiá iniciou a implantação de um Sistema de Gestão Ambiental baseado na norma ISO 14001:2004, certificado que atesta a responsabilidade ambiental no desenvolvimento das atividades de uma empresa, tornando-se uma das primeiras organizações do setor no processo de obtenção desta certificação.

### **Aspecto social**

Em todos os anos de presença no local, o hotel buscou construir uma relação de integração com a comunidade local. Por iniciativa do hotel, foi criada uma associação de moradores e proprietários.

Um longo processo de integração foi promovido na questão da definição dos uniformes usados pelos funcionários. No início das atividades do hotel, os funcionários usavam uniformes de blusas brancas e calças azuis, conforme o que se concebia como luxuoso. Pouco a pouco foi possível observar as roupas que os funcionários usavam no dia-a-dia, com seu colorido e estampas, e perceber a riqueza daquelas roupas. Decidiu-se então aproveitar esse estilo local e inserir isso também nos uniformes do hotel.

Quatro estilistas – Dudu Bertholini, Rita Comparato, Rita Wainer e Karlla Giroto – foram

convidados para criar os novos uniformes, e foi feito um estudo com a comunidade no sentido de tentar definir cores, desenhos e estampas, além das formas, características e acessórios que eles achariam necessário e adequado para a roupa do trabalho do dia-a-dia. Os tecidos foram comprados em uma loja local, e as roupas foram confeccionadas de forma a integrar a identidade local também nos uniformes e permitir que os funcionários também se sentissem confortáveis ao usá-los.

Outra tentativa de integração é a convidar a comunidade local a participar, juntamente com os hóspedes, de eventos promovidos pelo hotel, a exemplo do *Bossa-jazz*, realizado anualmente, em que são levados músicos para apresentar um show de bossa nova e jazz. Sob curadoria do jornalista Marcelo Kahns, o evento já levou nomes como Adyel Silva e Celso Fonseca, Daniela Procópio, Paula e Jaques Morelenbaum Trio. Além de proporcionar um evento de alta qualidade gratuitamente à comunidade local, isso propicia um contato interessante entre hóspedes – de classe social alta, da metrópole, às vezes de outro país – e comunidade local, contato este proveitoso para ambos os lados. Na última edição do projeto, em 2008, cerca de metade do público era de moradores, e a outra metade de hóspedes.

O hotel configurou-se como referência na geração de emprego e renda para as comunidades locais. 100% dos postos de trabalho criados pelo Vila Naiá são destinados a membros da comunidade local. O corpo de funcionários é composto de 18 pessoas, que recebem capacitações específicas para trabalhar nas diferentes áreas da empresa. Dos hotéis da região, foi também o único que empregou exclusivamente mão-de-obra local em sua construção. Todo o mobiliário foi feito na própria comunidade, aproveitando sua vocação marceneira.

Além dos postos de trabalho diretos e indiretos gerados pelo hotel, o Vila Naiá desenvolve uma ação permanente de estímulo à organização e à inclusão econômica e social da comunidade local. A loja do hotel vende artesanato indígena, comprado dos pataxós.

Outro exemplo de ação é uma feira semanal, organizada pelo hotel aos sábados, com o objetivo de estimular a produção e a troca de produtos na vila. Por meio da feira, que já se tornou um “evento” local, pescadores, agricultores e reassentados se encontram semanalmente, gerando um pequeno, mas importante comércio local. Cerca de dez pessoas de assentamentos da região, encontram na feira espaço para vender sua produção de frutas, vegetais e farinha, que antes serviam apenas para subsistência.

Os produtos não contêm agrotóxicos, são cultivados à base de insumos oriundos de compostagem. Entre eles, estão mandioca, abóbora, melancia, manga e banana. O lucro líquido é de cerca de 100 reais por pessoa a cada feira e, além da venda, outra prática comum é a troca de alimentos, como peixe em troca de farinha. A feira promove também o intercâmbio de produtores da região ribeirinha com produtores da costa, permitindo a troca de peixe salgado por peixe de água doce, por exemplo. A feira é também um espaço de sociabilização de comunidades fixadas mais ao interior da orla do rio. Alguns tiveram na feira a oportunidade de conhecer o mar, com o qual não haviam tido contato até então.

## **Aspecto econômico**

Para uma análise do potencial econômico do hotel, é necessário antes considerar, em primeiro lugar, que trata-se de um empreendimento recente, aberto apenas há cinco anos, e como tal, ainda está em fase de consolidação de clientela e de retorno de investimento.

Outro fator a ser levado em conta é o fato de Corumbau até então ser um destino pouco conhecido, tendo sido necessário um intenso trabalho de divulgação para inseri-lo dentro de um circuito turístico nacional e internacional.

Um terceiro fator de influência é o contexto mundial de crise no setor econômico que resultou em uma mudança no público antedido. Antes a principal demanda era de turistas estrangeiros e, devido à crise, nos últimos meses os turistas brasileiros passaram a representar o maior fluxo de hóspedes.

Entretanto, à parte de todos estes pontos, o hotel vem apresentando um balanço geral positivo, com uma curva crescente de clientela e retorno de investimento. Em 2007, a média geral de ocupação por hóspedes no hotel durante o ano foi de 39%. Já em 2008, esse percentual subiu para 47%. No último balanço anual, em 2008, o hotel teve retorno de 73% do valor investido, sendo que no segundo semestre deste mesmo ano zeraram-se os gastos.

## 4 Desafios e novas propostas

Em todo o processo de construção do hotel e nos eventos cotidianos citados acima que buscam promover uma integração da comunidade, conseguiu-se grande êxito com relação à população caiçara. O atual desafio de integração é com a população indígena, isolada geograficamente e pouco aberta a intercâmbios.

Como novas propostas para integração social e econômica, está a iniciativa de realizar cursos de capacitação de mão-de-obra em construção civil, devido à demanda dos hotéis e novas propriedades que estão sendo construídos na região. Pretende-se também criar uma cooperativa que reúna os pescadores da comunidade para vender seus produtos a supermercados das cidades vizinhas, como Itamaraju.

## 5 Reflexões finais

Ainda é prematuro fazer análises mais profundas ou tirar maiores conclusões em relação ao hotel Vila Naiá, por se tratar de um projeto de recente implantação e pioneiro em vários aspectos, como já indicou o jornalista especializado em turismo Ricardo Freire, em seu livro *100 praias que valem a viagem*, que citou o hotel como precursor do luxo sustentável no Brasil. Como tudo o que é experimental, provavelmente haverá pontos a serem melhorados conforme a resposta prática à sua implantação. Mas há um esforço contínuo e permanente para melhoria das ações e busca por soluções a novos problemas que venham a surgir durante o processo.

Não se pode negar, entretanto, a validade de seu pioneirismo, pelo fato de no Brasil ser relativamente recente a preocupação com o desenvolvimento sustentável e por não haver no país um grande número empreendimentos hoteleiros engajados nesse sentido. O próprio fato de se tratar de um hotel implica maiores dificuldades em seguir o plano da sustentabilidade. Há maior facilidade em aplicar ações sustentáveis na moda e no design, por exemplo, pensando em utilizar materiais ecologicamente corretos e procurando associar-se a uma comunidade local. É bastante mais dispendioso estruturar todo um hotel para se adequar ao tripé da sustentabilidade, preocupando-se com os todos os detalhes de estrutura arquitetônica, paisagismo, recursos de manutenção e integração com o entorno.

É relevante também o fato de se ter um empreendimento como o Vila Naiá no Brasil e não em qualquer outro lugar do mundo – em especial em um país desenvolvido, cujas questões sociais e ambientais já estejam em equilíbrio. A aplicação do luxo sustentável parece casar perfeitamente com as demandas e características do contexto brasileiro – a questão da necessidade de preservação de nossa riqueza ambiental, devido ao tanto que dela tem sido explorado, a existência de desigualdades e exclusão sociais.

## Referências

ALIANÇA PARA A CONSERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA (Coord). **Minha terra protegida: histórias das rppns da Mata Atlântica**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2007.

BARONE, V. **Luxo com o pé na areia**. Revista ValorInveste, São Paulo, Novembro de 2008, p. 85.

FREIRE, R. **100 praias que valem a viagem**. Rio de Janeiro. Ed. Globo, 2008.

FUAD-LUKE, A. **The eco-travel handbook**. Londres. Ed.Thames & Hudson, 2008.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

VALENTE, S. B. M. **Luxo Sustentável: a nova estratégia do mercado premium?** In: X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Intercom, 2008, SÃO LUIS. Anais do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2008, v.10.

VILA NAIÁ 2009. In: *Home: Vila Naiá*. < <http://www.vilanaia.com.br> >, 20/06/2009

SOARES, O. **Até o lazer é responsável**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 2007.

---

<sup>i</sup> emailiazevedo@gmail.com